

# Política industrial e lei internacional

Por Joseph Stiglitz

*Valor*, 02/06/2023

**As leis IRA e Chips reforçam a ideia de que o mundo em desenvolvimento está sujeito a dois pesos e duas medidas**

---

Com a aprovação em 2022 da Lei de Redução da Inflação (IRA), os Estados Unidos se juntaram plenamente às demais economias avançadas do mundo no combate às mudanças climáticas. A IRA autoriza um grande aumento nos investimentos para apoiar as fontes de energia renováveis, a pesquisa e desenvolvimento e outras prioridades, e se as estimativas sobre seus resultados não errarem muito, o impacto no clima será grande.

Sem dúvida, o formato da lei não é o ideal. Qualquer economista poderia ter redigido um projeto de lei que traria mais retorno para cada dólar gasto. A política americana, porém, é complicada e o sucesso precisa ser mensurado em relação ao que é possível, e não a algum ideal grandioso. Apesar das imperfeições da IRA, a lei é muito melhor do que nada. As mudanças climáticas não iriam esperar os EUA colocarem a casa em ordem.

Em conjunto com a Lei da Ciência e Chips, cujo objetivo é apoiar os investimentos, a inovação e a indústria interna na área de semicondutores e em outras de tecnologias de ponta, a IRA direcionou os EUA no rumo certo. Ela vai além das finanças para colocar o foco na economia real, onde deverá ajudar a revigorar setores cambaleantes.

Aqueles que se prendem apenas às imperfeições da IRA fazem um desserviço a todos nós. Ao se recusarem a analisar a questão dentro de seu contexto, eles estão ajudando e incentivando grupos de interesses escusos que prefeririam ver-nos continuar dependentes dos combustíveis fósseis.

À frente desses pessimistas estão os defensores do neoliberalismo e dos mercados livres de restrições. Podemos agradecer a essa ideologia pelos últimos 40 anos de baixo crescimento, aumento na desigualdade e inação diante da crise climática. Seus proponentes sempre argumentaram com veemência contra políticas setoriais como a IRA, mesmo depois de novos desdobramentos na teoria econômica terem explicado por que essas políticas são necessárias para promover a inovação e as mudanças tecnológicas.

Foi em parte graças a políticas setoriais que as economias do Leste Asiático alcançaram seu “milagre” econômico na segunda metade do século XX. Além disso, os EUA também se beneficiaram por muito tempo de tais políticas - embora normalmente estivessem ocultas no Departamento de Defesa, que ajudou a criar a internet e até o primeiro navegador de internet. Da mesma forma, o setor farmacêutico americano, líder no mundo, está erigido sobre uma base criada por pesquisas básicas custeadas pelo governo.

O governo do presidente dos EUA, Joe Biden, deveria ser elogiado por sua rejeição aberta a dois pressupostos neoliberais básicos. Como disse recentemente o assessor de segurança nacional de Biden, Jake Sullivan, esses pressupostos são os de “que os mercados sempre alocam capital produtiva e eficientemente” e que “o tipo de

crescimento não importa”. Quando se percebe como esses pressupostos são falhos, fica óbvio que políticas setoriais precisam estar na agenda.

No entanto, muitos dos maiores problemas de hoje são globais e, portanto, exigirão cooperação internacional. Mesmo que os EUA e a União Europeia alcancem neutralidade nas emissões de carbono até 2050, isso por si só não resolveria o problema das mudanças climáticas. O resto do mundo também precisa fazer o mesmo.

Infelizmente, as recentes políticas econômicas das economias avançadas não têm sido propícias para fomentar uma cooperação mundial. Pense no nacionalismo das vacinas que vimos durante a pandemia, quando países ocidentais ricos guardaram para si tanto as vacinas quanto a propriedade intelectual (PI) para fabricá-las, favorecendo os lucros de laboratórios farmacêuticos à custa das necessidades de bilhões de pessoas em países em desenvolvimento e mercados emergentes. Em seguida, veio a invasão em grande escala da Ucrânia pela Rússia, que provocou o aumento do preço das fontes de energia e dos alimentos na África Subsaariana e em outras regiões, que ficaram praticamente sem ajuda do Ocidente.

Ainda pior, os EUA elevaram os juros, o que fortaleceu o dólar em relação às demais moedas e exacerbou as crises da dívida nos países em desenvolvimento. Novamente, o Ocidente ofereceu pouca ajuda real - apenas palavras. Embora o G-20 já tivesse acertado anteriormente uma estrutura para suspender temporariamente o serviço da dívida dos países mais pobres do mundo, do que realmente se precisava era de uma reestruturação da dívida.

Em meio a esse pano de fundo, as leis IRA e Chips podem perfeitamente acabar reforçando a ideia de que o mundo em desenvolvimento está sujeito a dois pesos e duas medidas - de que o Estado de Direito se aplica apenas a pobres e fracos, enquanto ricos e poderosos podem fazer o que bem entendem. Por décadas, os países em desenvolvimento se irritaram com regras internacionais que os impediam de subsidiar setores empresariais ainda nascentes, sob o argumento de que isso desnivelaria o campo de jogo. Mas eles sempre souberam que o campo de jogo não era nivelado. O Ocidente tinha todo o conhecimento e a PI, e não hesitava em guardá-los para si o máximo possível.

Agora, os EUA estão muito mais abertos a desnivelar o campo de jogo, e a Europa está disposta a fazer o mesmo. Embora o governo Biden afirme continuar comprometido com a Organização Mundial do Comércio (OMC) “e os valores compartilhados nos quais ela se baseia: competição leal, abertura, transparência e Estado de Direito”, esse discurso soa vazio. Os EUA ainda não permitiram a nomeação de novos juizes para o órgão de solução de controvérsias da OMC, garantindo assim que a instituição não possa tomar medidas contra violações das regras do comércio internacional.

É verdade que a OMC tem muitos outros problemas; chamei a atenção para vários deles ao longo dos anos. Mas foram os EUA os que mais trabalharam para esculpir as regras atuais durante o auge do neoliberalismo. O que quer dizer quando o país que escreveu as regras vira as costas para elas no momento em que isso se torna conveniente? Que tipo de “Estado de Direito” é esse? Se os países em desenvolvimento e mercados emergentes tivessem ignorado as regras de PI de maneira igualmente flagrante, dezenas de milhares de vidas teriam sido salvas durante a pandemia. Mas não ultrapassaram essa linha, porque aprenderam a temer as consequências.

Ao adotarem políticas setoriais, os EUA e a Europa estão admitindo abertamente que as regras do jogo precisam ser reescritas. Mas isso levará tempo. Para garantir que nesse

meio-tempo as economias de baixa e média renda não fiquem cada vez mais (justificadamente) ressentidas, os governos ocidentais deveriam criar um fundo de tecnologia para ajudar o resto dos países a equiparar os investimentos internos deles. Isso pelo menos nivelaria um pouco o campo de jogo e promoveria o tipo de solidariedade global da qual precisaremos para enfrentar a crise climática e outros desafios globais. (Tradução de Sabino Ahumada).

**Joseph E. Stiglitz, prêmio Nobel de economia, é professor na Universidade Columbia e membro da Comissão Independente pela Reforma da Tributação Empresarial Internacional (ICRICT, na sigla em inglês). Copyright: Project Syndicate, 2023. [www.project-syndicate.org](http://www.project-syndicate.org)**